

Branco sai. Preto fica

Antonio Carlos Egypto

O drama de dois homens que tiveram suas vidas enormemente prejudicadas, após a invasão pela polícia, e a repressão violenta de um Baile Black de um local chamado *Quarentão*. Vamos acompanhar um homem que agora vive com uma perna mecânica e um outro, em cadeira de rodas. As consequências terríveis estão lá, mostradas com todo realismo, mas não a cena que as gerou. Ou mesmo o clima concreto que mantém e sustenta esse tipo de ação.

A história trágica será contada na forma de fábula, para poder criar perspectivas que não se resumam a lamentar o passado, mas possam gerar algo no futuro. Vingança? Reparação? Ódio realimentado?

Para isso, o filme se vale de uma narrativa que explora até a ficção científica, além do uso da tecnologia avançada, em meio às carências visíveis da comunidade. Busca um meio original de abordar um assunto sério e grave, mas que, por ser muito conhecido, tende a ser visto como repetitivo e não sensibilizar mais, como deveria. Afinal, a truculência e a discriminação policiais atingem as periferias, e principalmente a população negra, não só em Brasília/Ceilândia, mas em todas as cidades brasileiras. É assunto recorrente, banalizado até. Está diariamente sendo mostrado por meio de imagens nos telejornais. Daí a adequação de buscar uma nova maneira de abordar o tema.

A dificuldade é que é preciso questionar certas posturas ideológicas que, às vezes, passam por avançadas, mas que podem levar ao agravamento dos problemas.

De qualquer modo, o filme tem o mérito de trazer uma visão de quem está imerso na vida da comunidade e conhece de perto, vivencialmente, a situação. Não é um olhar de fora, embora tenha um forte viés de radicalização. Pretender detonar as instituições que sustentam uma democracia reconquistada a duras penas não é algo que possa ser levado a sério.

Branco sai. Preto fica levou a grande maioria dos prêmios disponíveis do 47º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, incluindo o *Prêmio do Júri* da Abraccine.